

CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

DIRECTOR

P.^e Antonio Hermano

PROFESSOR DO COLLEGIO DE S. DÁMASO



SUMMARIO

Discurso proferido na festividade de N.

S. ^a da Oliveira, em Guimarães.....	<i>P.^o Henrique Gomes</i>
A piedade na córte de D. João I.....	<i>P.^o F. J. Patricio</i>
Poémetos.....	<i>*P.^o Henrique Gomes</i>
Contrição (poesia).....	<i>A. Moreira Bello</i>
Pensamentos.....	<i>J. de Oliveira</i>
A vontade.....	<i>Bruno d'Almeida</i>
Notas a carvão.....	<i>Bruno d'Almeida</i>

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até ao dia 20 de cada mez.

Assignatura.—Anno 600 reis.—N.^o avulso 100 reis.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
COLLEGIO DE S. DAMASO—GUIMARÃES

AOS SRS. ASSIGNANTES

Pedimos aos srs. assignantes o favor de satisfazerem a importancia de suas assignaturas por meio de vales ou notas ou como melhor intenderem, pois a cobrança pelo correio fica excessivamente dispendiosa.

BOLETIM DO COLLEGIO DE S. DAMASO

Religião & educação

Não é de necessidade absoluta que todo o homem seja instruído, que saiba grammatica, geographia, mathematica, historia natural; porém é de necessidade absoluta que todo o homem seja um homem de bem. Não é forçoso que todo o homem seja um sabio ou simplesmente uma illustração, mas é forçoso que seja um caracter, sob pena de não passar d'uma metade ou d'um terço d'homem.

Ora é a educação moral quem, formando o coração, architecta o caracter integerrimo, o cidadão honestissimo, exacto cumpridor de todos os deveres sociaes, respeitador invariavel de todos os direitos alheios, facilmente accessivel ás commoções piedosas que determina o espectáculo das multiplas dôres humanas.

A religião pela sua parte é o alpha e o omega; está no alicerce e na cupula da synthese humana, influe em tudo, para tudo se pode considerar util, é uma força eminentemente effectiva, e conservadora, possui a chave da ordem e da paz assim individual como social. A educação religiosa desperta no menino o sentimento latente mas innato e profundo do culto da divindade, traduzido na adoração e na confiança. Porém, mais do que isso, apparelha o homem futuro, munindo-o das armas preciosissimas da fé, da resignação, da coragem, para os dias por ora longínquos mas inevitaveis das terriveis batalhas da vida, para essas crises terriveis do soffrer intimo, em que a incredualidade nos suggere: «Suicida-te»—e a religião nos brada:—«Sê forte».—

Senna Freitas.

O Collegio

A Prosperidade, genio amigo, que bafejou este estabelecimento desde o nascer, continúa a ser-lhe companheira carinhosa. Que a donosa fada, crie pelo seu pupillo um amor que

se não deslace, um amor que dure sempre, é o meu voto ardente.

A frequencia augmentou. O numero de internos deita para além de 130. E' pois um dos maiores collegios do paiz.

Vê-se que Deus abençoa o trabalho.

Alguns melhoramentos materiaes se fizeram a fim de proporcionar aos alumnos mais commodidades e ao edificio mais agradável apparencia. Outros planeados, força foi adia-los, que o tempo não deu para mais.

Os exames de outubro foram um bello remate da felicissima época de junho—19 approvações e uma distincção.

A festa de S. Damaso realisa-se a 11 de dezembro. Haverá distribuição de premios a alguns alumnos do anno lectivo passado.

Em seguida aos feriados dos Santos, ou quando as circumstancias o permittirem, haverá aqui um breve retiro espiritual.

Segundo informações fidedignas, a imprescindivel estrada que ha de ligar o collegio e a Penha com a cidade, será em breve uma realidade. Assim o esperamos, tanto para commodidade nossa como para honra de Guimarães.

Um Collegial.

Boletim da Associação de S. Luiz

No domingo, 15 do corrente, realiso-se a primeira sessão d'esta sympathica Associação. Constituiam a meza os srs.: rev. Hermano Amandio, presidente nato, Carlos Borges, presidente, Vasco Aguiar, secretario, A. Vieira Pinto, thesoureiro, e Albano Gustavo e J. Ferreira Leite, procuradores.

Aberta a sessão, leu a acta da ul-

tima assembleia do anno transacto o sr. Vasco Aguiar. Approvada, e assignada pela meza.

Tomou então a palavra o digno presidente nato Hermano Amandio. Fez mercedissimas referencias elogiosas á meza transacta, rememorando o carinho e a dedicacão incansavel com que todos os membros d'ella se votaram ao seu desenvolvimento e quanto o inolvidavel presidente honorario, rev. Oliveira, se desvelou pelo engrandecimento e consolidacão da sua Associação. Mais uma vez evidenciou perante a assembleia o grande fundo educativo que a instituição encerra, os bens de que póde ser abundante fonte e quão bem applicado é o pequenino obulo de 20 reis com que os srs. associados lhe constituem a minguada receita. Falou, para accorder emulações e fervores, da festa esplendida que se realisono o anno passado e da bella imagem que se adquiriu e significou ser sua aspiracão e da meza, egualar na d'este anno, o brilhantismo d'essa primeira magnifica festividade. Creio que todos os socios, sempre generosos, sentiram a unisono com as palavras do sr. presidente.

Procedeu-se em seguida á leitura dos estatutos para todos os socios terem bem presentes os seus direitos e obrigações.

Pouco antes de se encerrar a sessão pediu a palavra o socio rev. Antonio Hermano. Dirigiu-se á juvenil assembleia pedindo-lhe que não esmorecesse do enthusiasmo primeiro com que corra a alistar-se sob a bandeira angelica de S. Luiz; que a Associação, nova como era, tinha ainda um campo largo a percorrer, e uma farta lista de emprehendimentos a realisar; que alli, socios e estranhos podiam afirmar briosamente a sua dedicacão e generosidade. Um melhoramento lembrou como primeiro—a acquisição d'uma bandeira com que em actos sollemnes e publicos a nobre Associação se manifestasse.

A assembleia acolheu a proposta com summa benevolencia e o digno presidente, tomando o ensejo, alvitrou a ideia de se abrir uma subscripcão, ideia que logo foi accepta.

Em seguida, lidos os nomes dos numerosos socios que ultimamente se haviam inscripto, foi encerrada a sessão.

Alguns dos ex-alumnos do Collegio e antigos socios têm escripto ao Rev. Presidente-Nato a participar-lhe que continuam a ser socios, como lhes é facultado pelos estatutos.

Bello exemplo!

Um socio.

Um distincto alumno d'este collegio dirigiu a seu pae a seguinte carta, de que damos cópia por nos parecer que é a expressão d'um bello e esperançoso character e uma lição proveitosa para seus companheiros.

«Meu caro Pae:

«Apertaram-me as saudades ao regressar ao collegio e tão vivamente as senti, que só por vergonha é que lhe não digo que chorei. Consegui porém dominá-las, e hoje, bem lembrado dos abençoados conselhos que tantas vezes ahí recebi, dedico-me a meus estudos com amor, com enthusiasmo. Não me sae da lembrança o termo da minha carreira litteraria: formei a proposito de chegar lá pelo caminho mais breve e mais honroso, poupando a meus queridos paes sacrificios e preparando para mim um nome que me faça a estima de todos. A minha vontade hade ser de ferro, porque tenho ouvido dizer:—*muito pode quem muito quer.*

Hei-de ser bom collegial, brioso e exacto no cumprimento de todos os deveres, docil e obediente á vontade dos meus estimados superiores. A's vezes, verdade seja, custa-me bastante esta regularidade de horarios e estas exigencias dos regulamentos, mas reflectindo, agradeço a quem assim me disciplina a vontade, porque, pela vida adiante, para onde quer que lance a vista, descubro sempre superiores a quem hei-de obedecer e regulamentos que terei de observar. E' bom habituar-me.

Vou trabalhar muito para vêr se o boletim do Natal confirma os meus bons propositos.»

C. S. D. 10—10—93.

Seu filho muito dedicado,

A.

Um capitulo do regulamento disciplinar d'este collegio

Nos actos religiosos

Os actos religiosos no collegio são: missa, terço, confissão e communhão, practicas, e umas breves orações no principio e no fim dos estudos e refeições.

Durante os actos religiosos lembrem-se de que estão prestando culto a Deus, motivo este bastante para que todos os meninos de bons sentimentos estejam com todo o respeito e compostura.

Portanto, em qualquer acto religioso e particularmente na igreja, não conversem, não se riam, não olhem para os lados, não estejam com as mãos nos bolsos nem encostados. não tomem qualquer outra posição irreverente, attendam ao que se faz e não occupem o pensamento em coisas improprias do lugar e da occasião.

Para mais facilmente prenderem a attenção, usem do livro de missa, lendo as orações correspondentes a cada parte d'aquelle sancto sacrificio.

E' de grande conveniencia a confissão e communhão pelo menos todos os mezes. E' um excellente meio de afervorar os sentimentos religiosos e de evitar que os maus habitos nasçam ou ganhem raizes.

Quando forem á communhão, aproximem-se da meza eucharistica com todo o recolhimento e piedade, não se esquecendo de que é aquelle um dos actos mais augustos da nossa religião.

Pratiquem todos os seus deveres religiosos sem vergonha nem respeitos humanos. Desenganem-se de que fica sempre bem a um menino o mostrar-se religioso.

Feriados

Os alumnos de perto podem ir a casa passar o dia de todos os santos, saindo na terça-feira de manhã e voltando na quinta-feira de tarde. A familias e alumnos se recomen-da e pede punctualidade.

A Direcção.

Exames

Fizeram exame em outubro ficando *todos approvados* os seguintes alumnos do Collegio de S. Damaso.

Francez

Manoel Bernardino d'Araujo Abreu
Gaspar Antonio Pereira Guimarães
João Faria Soares d'Almeida Queiroz

Portuguez

Luiz Alves Carneiro
Adelino Ribeiro Jorge
Abilio Cerqueira da Rocha Miranda.

Geographia

Alberto Ribeiro Jorge
Bernardino J. Sousa
Aguilar Teixeira da Costa.

Inglez

Alberto Ribeiro Jorge
Antonio Luiz da Silva.

Mathematica

Abilio Cerqueira da Rocha Miranda
Joaquim Hermano M. de Carvalho
(6.º anno)
Serafim Fernandes de Lima.

Physica 6.º anno

Joaquim Hermano (Distincto)

Litteratura

Abilio Cerqueira da Rocha Miranda

Desenho

Luiz Alves Carneiro
Aguilar Teixeira da Costa
Manoel Bernardino Abreu.

Todos approvados

Discurso proferido na festividade de N. S.^a da Oliveira, em Guimarães

(EXORDIO)

Meus senhores: .

Violentísimas as electricidades que agitam e arrepiam a nossa alma patria, a nossa querida patria!

Dolorosíssimo, acerbíssimo o seu pungimento!

Sentidíssimas, amaríssimas as lagrimas que chora e em que se lhe dilue o mais terno do coração!

Ha caneros que a roem e afistulam persistentemente, desapiedadamente, martyrisadoramente.

A sua constituição de athleta, o seu organismo de gigante esphacela-se, apodrenta-se e já não é assaz potente para envergar a armadura de outras éras, e já não lhe gira nem estira nas veias o sangue de outros tempos que, tanto sublimava os nossos heroes, — os nossos heroes que sabiam apresentar peito descoberto ás balas, quando a patria periclitando em sua autonomia, lhes bradava:—*ávantel!*—que a causa é santa.

Comparar os tempos d'um glorioso e limpido passado com os tempos d'um angustioso presente, cheio de borrascas, faz sangrar o coração, despedaçá-o, rasgá-o.

Quem sentir atear-se-lhe no peito alguma parcella d'amor a este torrão—a patria—, quem tiver pruridos de brios, alvo-rosos de patriotismo, esse ha de crispar-se de dôr, enoitar-se de saudade ao pensar no que fomos e no que somos—heroismos e cobardias, virilidades e fraquezas, victorias e derrotas, loiros e espinhos, ceu limpo e ceu nublado, viração serçna e ventos assoladores,—o Capitolio e a Tarpeia, o Thabor e o Calvario.

Além, bastante para além, descerrada a cortina muito negra, d'um negro muito carregado, que encobre o ingente e

grandioso espolio do nosso passado, diviso eu a fulgentíssima galeria em que rebrilham esses vultos que se agigantaram desmedidamente; que se exalçaram ás culminações da gloria, essas almas feitas de luz e de bravura,—de luz para sondarem os arcanos do incognito, para rasgarem as celagens do Tenebroso, para pharolisarem os galeões que demandavam inhospitas plagas; de bravura para batalharem sem calefrios de cobardia em defesa do sagrado sólo da patria, para não deixarem que as patas dos cavallo inimigos esterilisassem as bellas, as fecundas, as ridentissimas campinas do nosso querido Portugal; luz e bravura que se exhibiram pomposamente, que se estadearam deslumbrantemente nas asperidades montanhosas e nos alcantís oceanicos, nas verdes planicies e nos aridos desertos, em toda a parte, de continente a continente, de extremo a extremo.

Sim, meus senhores, eu vejo nas aurilucidas paginas da nossa historia passada, muita resplandecencia de heroismo, muita fulguração de grandeza.

Vejo que o nosso Portugal era um gigante que ao seu mexer fazia que os povos estremeassem, as coroas vacillassem e os sceptros caissem.

Vejo que os seus braços eram colossaes, que o seu arcaboço era imperfuravel, que a sua musculatura era de bronze e não vergava.

Vejo que brilhamos muito, subimos muito, remontamos muito lá para cima, levados nas transluminosas azas da gloria.

Vejo que valiamos muito e podiamos muitissimo; representavamos muito e respeitavam-nos muitissimo.

Eramos arbitro.

Então curvavam-se reverentes deante do nosso sceptro as fronte diademadas.

Então as prôas das nossas naus singravam, arrogantes e destemidas, os mares nunca sulcados.

Então os nossos galeões dobravam impavidos e ufanos os promontorios adamastorianos.

Então o metal das nossas espadas reluzia brilhantissimo

ao incidirem sobre elle os raios do sol africano, um sol que esbraseia e queima, um sol feito só para heroes, creado só para soldados temperados na fragoa do civismo, provados já em luctas titanicas, com o coração desbordante de anseios por glorias que façam da patria a rainha das nações.

Então as nossas Quinas fluctuavam, tumidas de donaire e orgulho, desdobrando-se ao sopro dos ventos da Asia.

Então era o Gama que, sublime na prôa de frageis barineis, prescruta com o seu olhar de vidente as escurezas do Tenebroso e adelgaça-as e rompe-as e sem temer perigos e sem se arreceiar de insidias e sem o acobardarem obstaculos, vae, vae sempre, prôa voltada ao ignoto, e não amaina vélas e não lonça ancoras sem com o seu grandiosissimo descobrimento ter engastado na corôa do seu Portugal mais uma perola rutilantissima.

Então era Cabral implantando a cruz e desfraldando as Quinas nas opulentissimas paragens do Brazil, abrindo esse filão, d'onde mais tarde havia de jorrar caudalosamente, torrencialmente, oiro que locupletasse as nossas arcas, embora não fartasse, como não fartou, essa sede de mais querer. sede sempre insaciavel, nunca apagada, sêde que roc consciencias como o abutre famelico despedaça entranhas.

Então era de desmedido assombro para o mundo o apparecimento de tamanhos portentos, de tão alevantados genios, prodigiosos, culminantissimos, unicos, sem par. ' 6

Então succediam-se uns após outros, n'uma serie ininterrupta, os descobrimentos, concatenavam-se, prendiam-se umas ás outras as conquistas e principiando em Ceuta fomos parar aos aditos do Japão e ás selvas da America, espargindo luz e dissipando trevas, quebrando grilhões e resgatando povos, amaciando indoles ferozes e adoçando corações empedernidos.

Então eramos uma nação que se impunha ao respeito universal, uma nação que tinha sceptro que não vergava, corôa que nem oscillava nem se desprendia.

E hoje... Oh! patria, como dôe, como angustia, como

congela o coração de tristeza a evocação do passado a par do presente!

É o athleta em frente do pygmeu, é a luz á beira da treva, é o astro que despede feixes de raios luminosissimos em face do pyrilampo que phosphoreja tremulamente.

Hoje. . . hoje arrastamos o esfarrapado manto da miseria e atrevem-se a esbofetear-nos, embora essa bofetada faça verter sangue generoso e nobilissimo que, espadanando, ferreteia a fronte do miseravel com o estigma da cobardia.

Hoje. . . hoje tentam lançar-nos ao cadoz do desprezo, querem, como vampiros, beber-nos as ultimas gottas de sangue bom que ainda nos valorisa.

Hoje. . . hoje chegamos ao cairel do abysmo: mais dois passos-á frente e torvelinharemos na voragem em que se some a independencia das nações. Portugal, querido Portugal! que é feito dos ditosissimos dias em que adormecias embalado pelas frescas e serenas auras da tua fama á sombra das da mancenilha da tua gloria? Ah! já sei. É que a mancenilha inoculou-te nas veias philtros capitosos que te estontearam e tu, lethargico, sonhando sempre com um futuro côr de rosa, irisado de cambiantes seductores, deixaste que te esfarrapassem o manto e desengastassem da corôa as gemas mais diamantinas.

Caiste e a queda custou-te muitas dôres; foi d'um pedestal muito alto, guindado a alturas descommunaes. Caiste, chagaste-te, mas não morreste. Ausculto-te e vejo que ainda palpitas. Não está tudo perdido. A salvação é possivel.

Eia! ergue-te num arranco de coragem, levanta-te num impeto de dignidade.

Desanimas, tremes, precisas de consolo? Acheга-te de Maria; ella é *consolatrix afflictorum*.

Falta-te uma luz astral que te aponte a meta que deves fitar? Eil-a, Maria, *estrella matutina*.

Assim, com essa consoladora e com essa estrella, sentirás menos excruciantes as dores do presente e arraiar-te-ha a' aurora do futuro, desempanada, com um rosiclér muito vivo, destillando sobre ti os aljofares da felicidade.

Fé e Esperança, eis a panaceia infallivel.

Tres são, meus senhores, os pontos do meu discurso,— o nosso passado, o nosso presente e o nosso futuro, um passado de glorias, um presente de dores, um futuro de esperanças.

Meu Deus, pedi e receberéis, disseste Vós.

Sublime promessa! Eu peço, Senhor.

Dac-me luz que esclareça a minha intelligencia e afervore o meu coração.

Grande, valiosissima Senhora, o filho acolhe-se sob o manto da mãe. Esse manto acalenta como nenhum outro. Deixae, deixae que o calor do vosso amor se me transmitta e me anima e vigorise.

Senhor: Somos portuguezes, pisamos o mesmo solo uberrimo, respiramos o mesmo ar balsamico, contemplamos as mesmas paizagens bellissimas, desfructamos o mesmo ceu sempre de encantos. Que isto sirva para vos prender a attenção e conciliar a meu favor a vossa benevolencia.

Collegio de S. Damaso.

P.^e Henrique Gomes.

A PIEDADE NA CÔRTE DE D. JOÃO I

Está para celebrar-se uma grande festa nacional em honra do Infante D. Henrique; o vulto egregio do fundador da eschola de Sagres e iniciador dos nossos brilhantes commettimentos maritimos e coloniaes, que se impõe á veneração do paiz pelos eminentes serviços que prestou e eleva-se pela religiosidade com que se apresenta como um homem de notaveis virtudes christãs.

Não admira isto, não pode causar extranheza a quem contemplar a aurea côrte de D. João I, que foi por igual heroica e patriotica, cheia de abnegações civicas e de piedade religiosa.

Das virtudes christianissimas d'esse rei, ficaram erguidas a testemunhar a edificante alliança da fé com o valor guerreiro e a dedicação mais fervorosa pela patria que tanto engrandeceu, os monumentos erguidos em honra de Deus, os templos sumptuosos como a Batalha.

Outro tanto se pode dizer de sua esposa D. Philippa de Lencastre, educadora primorosa, dedicado anjo do lar, onde com os prestigios da virtude e as doutrinações da crença religiosa preparou em seus filhos a *inclita geração*, como dois seculos depois lhe chamou Camões.

Causa sincera veneração e caloroso enthusiasmo essa galeria de heroes, os filhos de D. João I, guiados pelos piedosos exemplos d'uma tão santa mãe, que dias antes de fallecer em Odivellas, ainda fazia ajoelhar junto do leito a D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique e lhes entregava, abençoadas pela já tremula e quasi algida mão, as espadas com que iam combater em Ceuta!

Quanta religiosidade se revela n'aquelles bellos typos de tão leaes conselheiros como João Gil, João Gomes da Silva e o celebrado João das Regras!

Quanta abnegação e heroismo, ao par d'uma austeridade fervorosa ha no olympico e adoravel vulto historico do grande Condestavel!

E depois de todos, os notaveis padres d'aquella côrte — D. João d'Azambuja, bispo do Porto, arcebispo de Lisboa, legado do pontifice e cardeal da Santa Igreja; que bello exemplar de virtude e sciencia, de lealdade e civismo!

E o bispo do Porto D. João Affonso Aranha, que tão notaveis serviços prestou na organização da esquadra com que o Infante D. Henrique sahiu do Porto para ir a Ceuta!

E o confessor d'el-rei, Frei João de Xira, que acompanhou a expedição a Ceuta e prégou no solemene *Te-Deum* celebrado depois da victoria em uma das mesquitas dos mouros, que foi transformada em templo catholico!

E' que o sentimento religioso é a base do engrandecimento moral dos povos e a sincera piedade, quando domina a côrte dos monarchas, alevanta os mais distinctos exemplos

que são brilhante eschola da nação. E' isto o que se deu nos tempos de D. João I; por isso este rei deixou como legado á patria, a independencia que firmou em Aljubarrota e o primeiro passo para o nosso grande dominio colonial na conquista de Ceuta; legou como modelo de virtudes religiosas e civicas á posteridade o formoso grupo dos seus filhos—D. Duarte o rei philosopho, escriptor e poeta; D. Pedro, o principe mais illustrado do seu tempo; D. Henrique, o mestre dos navegadores portuguezes; D. João, o batalhador; D. Fernando, o martyr!

São deslumbrantes os resultados da piedade que se allia dignamente com o amor patrio!

P.^e F. J. Patricio.

POEMETOS

O SOLDADO

I

Andava-se em guerra civil. O irmão matava o irmão muito gostosamente, com furia tigrina.

Terriveis tempos esses! Incineravam-se aldeias, talavam-se campos, arrancava-se o coração ás mães tirando-lhes os filhos dos braços, offendiam-se os velhos, maltratavam-se as creanças, violavam-se as donzellas—matava-se, saqueava-se, deshonorava-se—; e tudo isto no solo da mesma patria, sob um ceu tão bello que os cobria a todos, ao faiscar do sol que já fecundava as terras de seus avós, ao reflexo da lua que desde o berço os olhava muito languidamente, com ternuras de amante! A guerra civil é uma calamidade tremenda: os corações exploem então as lavas de odios antigos e sempre em fermentação, a inveja sente-se sem peias e fere desapiedadamente o alvo tantas vezes appetecido, a cubiça,

desestorvada, galga tudo, assola tudo, não poupa nada, nem o mais sagrado.

Infeliz do povo envolvido em luctas fratricidas! Desangra-se, arruina-se, perde-se; a sua vitalidade enfraquece e os seus dias estão contados; fecham-se as officinas, oxydam-se as ferramentas, paralysam os commercios, a charrua e a enxada, esquecidas, abandonadas deixam crescer a urze no campo; estancam-se as fontes da receita, as cadeias repletam-se, as execuções succedem-se, as hecatombes multiplicam-se; de cada planicie faz-se um campo de batalha e o campo de batalha torna-se cemiterio e no cemiterio, abraçados em amplexo de despedida e reconciliação, vêem-se o pae e o filho que, pouco antes, militando em partidos inimigos, se feriam encarniçadamente, desesperadamente.

A guerra civil faz verter muito sangue, derramar muitas lagrimas; espedaça muitos corações, treslouca muitos espiritos, infernisa muitas vidas. Como é extremamente triste, altamente cruciante vêr as forças da mesma nação luctando em sentido opposto e chocando-se furiosas, aniquiladoras, no encontro inevitavel e decisivo!

Congela-se a alma de tristeza, afistula-se o coração de magua ante o conspecto d'um campo de batalha após uma lucta de irmãos.

Vêde ao entardecer, a mãe que procura os seus dois filhos tão queridos. A bandeira a cuja sombra um combatia não era a que o outro já fizera tremular em muitas ameias.

A mãe olha por toda aquella planicie de cadaveres. O coração advinha-lhe o que quer que seja de muito doloroso. Pesquisa, indaga e alfim... o olhar turba-se-lhe, o coração enoita se-lhe; vira o filho mais novo—aquella creança loira, de vinte annos apenas, tão bella e tão graciosa—vira-o estendido, coberto de sangue, os labios entreabertos, como a deixarem passar o adeus á mãe, que agora alli, empedrada, semelhando a estatua da dôr mais acerba, quer fallar e as palavras prendem-se-lhe na garganta, quer chorar, e as lagrimas solidificam-se-lhe no coração!

Quem te diz, ó mãe, que não foi o braço do irmão que

cortou cerce as esperanças d'essa creança morta? . . . morta ali, n'aquelle descampado, onde elles brincaram tantas vezes, descuidados, á espera do pae, um honrado trabalhador, que ao cair da tarde, enxada ao hombro, lá vinha, riso nos labios, esquecido já do labutar de todo um dia, em busca da alegria do seu lar! . . . E elle, o fraticida, lá vae, talvez contente da sua cruel façanha, embriagar-se na orgia dos prazeres que aviltam. Oh! Como eu lamento as guerras civis!

São minotauros insaciaveis de riquezas e de vidas.

São tempestades, furacões, cyclones que derrubam e matam.

São oceanos acapellados em que estrugem, refervem e espumejam as vagas tumultuosas de pensamentos desencontrados.

As guerras civis são calamidades tremendas.

II

O occidente estava tinto d'um rubro muito vivo; o sol escondera se havia pouco.

Das montanhas do norte vinha uma aragem que refrescava os ardores d'aquelle tarde calmosa. Passava mais um dia de verão d'aquelle anno, verão por demasia secco, este-relisador e causal de doenças, que, contagiando e empestando, victimavam aos centos, senão aos milhares. Era um horror.

Todos os dias o bronze das egrejas soluçava a sua toada plangente, porque todos os dias se abria uma sepultura e na sepultura desfazia-se uma illusão ou fenecia uma esperança.

N'aquelle tarde a aldeia de Lovelhe estava triste e luctuosa como nunca.

Parecia adejar sobre ella o archanjo da desgraça, batendo, ameaçador, as suas azas negras, muito negras, horriavelmente negras.

A tristeza avassalava tudo: tristes eram as melopeias das pegureiras, triste era o balar das ovelhas, tristissimas eram as conversas dos lavradores, á volta do trabalho, um

trabalho muito pesado, desde o romper da alva até o cair da tarde.

Muita tristeza, muitas lagrimas, muitos gemidos n'aquella infeliz terra!

E como não assim?

A peste alastrava, as sementeiras estiolavam-se e depois, sobretudo chegava ordem para os mancebos da reserva se apresentarem a pegar em armas na cidade, capital do districto. E isto sem aviso, sem demora, á pressa, abruptamente, porque o inimigo ganhava campo, subia para o norte em correria desesperada, vencendo e conquistando!...

Era preciso cortar-lhe o passo, levantando trincheiras e as trincheiras haviam de ser formadas de cadaveres cimentados com sangue e sangue innocente.

Não havia fugir á ordem superior.

—Para lá e já—bradavam os executores da lei. E ameaçavam e insultavam e blasphemavam até.

Em casa de Maria José chorava-se muito; Carlos, o filho unico, tinha de ir.

A mãe—uma santa malher, uma velhinha muito sympathica com os seus cabellos brancos, tam brancos que pareciam de prata em fio,—sentia-se morrer definhada pela saudade.

Quem havia agora de amanhar-lhe os campos que arrendara ao Morgado?

Quam tristes e compridas lhe iam ser as noites do inverno.

O seu Carlos fazia-lhe sempre companhia á lareira, enquanto ella movia a dobadoira, muito regularmente, fitando-o de quando em quando com olhares d'uma suavidade indivizível; mas agora... E chorava, chorava muito. E as rugas da fronte iam-se-lhe cavando, cavando mais fundas. E o coração parecia diluir-se-lhe em lagrimas d'um travôr amarisimo.

Que infeliz que ella era! O falcão do soffrimento cravara-lhe as garras e teimava em não largar a presa. Vira o marido,—um modelo de pae e de esposo, um incansavel na faina de todos os dias—vira-o, ainda não havia muito, o

anno passado, sumir-se nas algidas trevas do sepulchro, e ficara para ali, por muito tempo, marasonada, o olhar esga-seado, as palavras entrecortadas por agudos gritos, insensível a tudo, até aos carinhos de Carlos, que a olhava sempre com lagrimas a derivarem-lhe das palpebras.

Mais tarde, passados mezes, voltou a si. O filho operara a cura.

Correram-lhe, depois dias bonançosos. Carlos, o seu querido Carlos, como ella lhe chamava, era a perola dos mancebos da aldeia; bello, robusto e trabalhador, até ali.

Vivia bem, assim, abordoada ao amado filho.

Era a mais feliz das mães, dizia ella. E orgulhava-se, —santo orgulho!—de ter um filho que era uma joia. Ia ter uma velhice tranquilla, um deslizar para a campa muito sereno, com suavidade, pensava ella.

Coitada! Não via o toldar do firmamento embruscado por nuvens que se acastellavam, nuncias de tempestade.

Escudada pelo amor do filho, julgava-se invulneravel.

Um dia, porém, o raio despediu-se, e no caminho fez victimas. Aquella mãe ainda não tinha sorvido todo o fel da desgraça.

A Providencia ia experimentar-lhe mais uma vez a coragem e a resignação. Tirava-lhe o filho dos braços que o apertavam com extremos d'amor. Quem ha ahi que não sintta despedaçar-se-lhe o coração de dôr ao afastarem-lhe da vista o ente mais querido?

Morre-se, muitas vezes.

Maria José, á porta da casa, lançou-se afflictissima nos braços do filho, a soluçar em ancias de morte, e não havia retiral-a.

Um brusco empuxão pôz termo a esta scena tão propria para commover até entranhas de tigre.

O executor da lei não se commoveu.

E Carlos lá foi, estrada fóra, voltando a vista de quando em quando, a procurar a mãe que havia de estar a chorar, a chorar muito por elle...

Collegio de S. Damaso.

(*Continúa.*)

P.º Henrique Gomes.

CONTRICÃO

Pequei, Senhor, pequei: teus mandamentos
 Insensato infringi com crime feio;
 Sacrilego abafei dentro em meu seio
 Da infancia puros, bellos sentimentos;

Ao vicio dediquei meus pensamentos;
 Do vicio me engolfei no ascoso seio;
 E o coração, do vicio apenas cheio,
 Olvidou-te, Deus meu, e os teus portentos!

E tu, Senhor, puniste o meu delicto,
 Porque és Juiz severo, e nunca injusto:
 E agora eis-me humilhado e já contrito.

Escuta, meu Juiz, do Emyreoo augusto
 D'este arrependimento o agudo grito...
 Oh! dá-me o teu perdão, Deus grande e justo!

A. Moreira Bello.

PENSAMENTOS

Quem attentamente meditar no character philosophico do mundo pensante da actualidade, ha de notar necessariamente a tendencia dos espiritos para o methaphisismo e a corrente bem manifesta, dos pensadores para o espiritualismo.

*

Não ha negal-o: a aridez dos diversos systemas materialistas e o absurdo do atheismo arvorado em sciencia, cançou já os espiritos votados ao estudo da origem e razão das cousas.

*

A verdadeira philosophia teve sempre as suas epocas de

predomínio scientifico. Justo era que, ao materialismo mais abjecto do seculo passado e presente, afeito a considerar a materia como causa de todos os phenomenos psychicos e ao positivismo, nosso coevo, verdadeira degeneração d'aquelle, succedesse o espiritualismo, o unico systema capaz de explicar as causas primarias de todos os phenomenos.

*

A essencia do espirito é o pensamento, como a dos corpos é a extenção; e segundo a profunda expressão de Descartes, aquelle não póde ser medido pelo mesmo *systema metrico* d'estes.

*

Os motejos de Voltaire e os paradoxos scientificos de Proudhon passaram de moda.

O proprio positivismo, que condemna *in limine* a metaphisica, é inconsequente consigo mesmo enquanto tenta negar causas e substancias, porque o simples facto de as negar não impede que ellas existam. O homem que, ao abeirarse d'um abysmo, cerra os olhos, nem por isso se livra de lá cahir.

J. de Oliveira.

A VONTADE (1)

E' na vontade, é na sua natureza moral, que o homem encontra a um tempo o principio inicial do movimento e a sua força directriz; está ahí o norte, a polarisação soberana de toda a sua complexa entidade. A superioridade moral é justamente considerada como o elemento essencial de toda a grandeza humana.

(1) Traducção livre da *Educação*, de Blackie.

Imaginem um homem cujo espirito reverbere luminações extraordinarias, cuja intelligencia se alargue na envergadura dos genios e cujo poder reconheça como limite unico a vontade; se esse homem privilegiado não fôr bom, nenhum valor terá. Ainda que pareça remontar-se até as lindes do sublime, essa perfeição maravilhosa nada mais será do que uma brilhante perversidade.

Napoleão I na sua carreira prodigiosa e vertiginosa aavez da Europa é um exemplo singular da força sobrehumana, que um involucro mortal pode occultar, sem possuir grandeza moral. Não foi por natureza um mau; mas, apaixonadamente devotado a suas conquistas militares e á ambição politica, não teve occasião de dar provas d'essa nobreza moral que mana do desinteresse. Moralmente foi pobre e pequeno o grande Napoleão!

Não é só aos grandes conquistadores e homens d'estado que miseraveis lacunas moraes abismam para longe da grandeza real. «Nada, disse Hartley, excede a vaidade, a presumpção, a arrogancia e a inveja dos homens de sciencia». Nem isso surprehende: a vontade, a elevação moral, para attingir qualquer grau de excellencia, demanda uma cultura muito longa e muito cuidada: ora as paixões, irrequitas como os ventos, são rebeldes á disciplina e os nossos actos não são mais do que manifestações claras ou implicitas das nossas paixões. D'ahi se vê que a cultura da vontade sinea na mais dura difficuldade e que quando levada a bom termo é a mais inapreciavel das humanas perfeições. Era facillimo a Byron ser um poeta genial; bastava lhe abandonar-se á natureza: era guia, devia voar para muito alto: mas disciplinar a vontade grosseira, adoçar o seu mau humor, proceder como *gentleman*, eis a difficuldade insuperavel; eis o que elle jamais conseguiu a valer. Por isso a sua vida, apesar de todo o seu genio, apesar dos seus momentos de grandeza sublime, não foi mais que uma terrivel queda e uma grande lição!

Todos nós os que ambicionamos torneiar sem naufragio as syrtes do mar da vida, gravemos fundo na alma, antes de tudo e acima de tudo esta grande verdade: *uma só coisa é*

necessária. O dinheiro não o é; também não a seductora gloria, não o é mais a liberdade enganosa, nem a formosura fugaz nem a saúde almejada; o caracter só, a honradez, a vontade disciplinada segundo as máximas religiosas é a verdadeira base da grandeza do homem. Em tal assumpto, na disciplinação moral, ninguém pode parar impunemente e dizer: se não avanço, também não recuo. Engana-se. Recua quem em tal ponto não avança. O sentimento moral deixado inculto terá a sorte de qualquer função organica que se despreza, não terá mais que uma sombra de vida. Portanto lutemos pela nossa constante elevação na escala da moralidade. Deu-nos Deus um destino immortal e uma vontade livre para o attingirmos; vivamos pois nobremente, arranquemos sem dó as parasitarias ruins e deixemo-la crescer, subir á vontade, muito para cima, em direcção ao *bem* que é o seu fanal o seu astro vivificador.

Bruno d' Almeida.

NOTAS A CARVÃO

Negra e triste é a secção que ora inauguro. Betada a carvão e nimbada de tristuras densas, terá ares frios de cyprestal e emanações phosphorescentes de cemiterio. Será cadastro, fará a synthese da dissolução social, arpoará com jubilo o crime e a toleima! Quem se sentir afeito a ideaes luminosos não se ebeire d'este tremedal: aqui reina como potestade absoluta, a realidade nua e cruel e pavorosa! é a cova agreste do pessimismo, que eu adoro.

Gentes optimistas que viveis ditosas n'um lago de luz ridentíssima, passae de largo em vosso bergantim enfunado, evitae presto o tredo parcel.

*

Tem a primazia o roubo que parece ser o *sport* elegante da hora presente e uma conquista gloriosa da chispante civilisação que para dita de todos nós ahí fulgura. Não os tem impressionado, aos senhores, que dia a dia lêm as chronicas das gazetas, a garbosa procissão de galans condecorados, cavalheirosos prestimamos, abysmos de contos de reis? E' o noivado magnifico do alto roubo com a alta finança. Hoje a rapina a grosso é titulo nobiliarchico, é passaporte para os melhores cargos publicos. A

verdade é já axioma n'este bom paiz de imbecis e de audazes.

Um hurrah pelos venturosos *sportmen*!

*

A esquadra russa em Toulon trouxe á tela mais uma vez os formidaveis armamentos das grandes potencias. Que estendal! que desdobramento de forças e que singularissimo contraste entre essas montanhas d'aço e os ideaes generosos com que o seculo se brazonal. A época é de fraternidade, de altruismo, de egualdade; a humanidade é para muitos um Deus; querem derrubar fronteiras, vivificar povos, centralisar as raças, vincular a humanidade. N'esse intuito grandiosamente democrata, lançam-se redes de vapores atravéz dos continentés, cabos telegraphicos abraçam o mundo n'uma palpitação electrica, regularisam-se carreiras interoceanicas, universalisa-se o inglez—a lingua do commercio—, e o francez—a lingua da diplomacia e da sciencia—, realisam-se congressos internacionaes, politicos, scientificos, economicos, artisticos, sociaes, historicos, concertam-se as exposições universaes—certames ingentes da industria—e a imprensa no seu pregão stentorico leva a todos os angulos do mundo o pão espiritual da ideia...

Mas, oh irrisão! esses mesmos povos que ufanos se dizem pretorianos da paz universal, arrolam soldados a milliões, fabricam couraçados sem conta, e selvas de artilheria para, chegado o momento de rebate, terem a certeza de decepar o mundo d'um só golpe!

*

N'este recanto da Europa caduca, onde os reverberos do vero progresso intellectual, social e moral chegam tão amortecidos como o sol dos polos, ha uma instituição, que só ella faz a gloria e a vida d'um povo—a policia do pensamento—.

—?!

Sim, meus senhores, ha n'esta sociedade gangrenada, que foi uma vez paiz de livres, a alcateia damnada dos garroteiros do pensamento! os inquisidores da ideia!

Uma idéa que nasça com vislumbres de nova, e não seja o pisar docil no mesmo chão batido, e se abalance a arripiar a tradição é atada de pés e mãos e levada á ara do sacrificio. Haja um que eleva e sua voz honrada acima do côro banal, e sintta asco da crapula que lhe ferveilha á roda e lance mão do tagante de Jesus...

Bruno d'Almeida.